



Correspondência final entre Nietzsche e Malwida von Meysenbug: César Bórgia contra Cristo

*Final correspondence between Nietzsche and Malwida
von Meysenbug: Cesare Borgia against Christ*

Allan Davy Santos Sena

Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), bolsista CNPq, Campinas, SP - Brasil, e-mail: allandavy@hotmail.com

Resumo

Embora a investigação do tipo psicológico do redentor possua importância crucial para o projeto da *Transvaloração de todos os valores* realizado em *O Anticristo*, visto que tal investigação fornece uma contraposição ao tipo ressentido de *décadence*, Jesus e sua prática evangélica não representam, porém, o alvo que a filosofia nietzschiana lança como proposta – ou seja, Jesus não corresponde a um modelo para um tipo mais elevado de homem que a filosofia de Nietzsche almeja cultivar. Todavia, tem-se muito frequentemente confundido o aspecto relativamente positivo da interpretação que

Nietzsche faz de Jesus com uma espécie de devoção por parte do filósofo. A correspondência final entre Nietzsche e sua velha amiga, Malwida von Meysenbug, oferece-nos um importante esclarecimento sobre esse tema.

Palavras-chave: Jesus. Idiotia. Além-do-homem. Transvaloração dos valores.

Abstract

Although the investigation of the psychological type of the Redeemer is a crucial element for the project of the Transvaluation of all values realized in The Antichrist, since such investigation provides a counterpoint to the resentful kind of decadence, Jesus and his evangelical practice does not represent, however, the target that the Nietzschean philosophy releases as a proposal, that is, Jesus does not correspond to a model for a highest type of man that Nietzsche's philosophy aims to cultivate. However, the relative positive aspect of the interpretation of Jesus made by Nietzsche is very often confused with a kind of devotion. The final correspondence between Nietzsche and his old friend, Malwida von Meysenbug, offers an important insight into this issue.

Keywords: Jesus. Idiocy. Beyond man. Transvaluation of values.

Introdução

No texto introdutório à seção “Por que escrevo tão bons livros” de *Ecce homo*, referindo-se à soberba negligência com que seus livros foram interpretados pelos homens “modernos”, à abundante *pura tolice* que seus poucos leitores deram mostras, alemães ou não, Nietzsche afirma que um livro, tal como o seu *Zarathustra*, que se encontra para além de todas as possibilidades mais raras de vivência, não será de modo algum ouvido, afinal, não se tem ouvido para aquilo de que não se tem vivência. Exemplo disso é a designação de “idealista” que aqueles que julgaram havê-lo compreendido lhe imputaram. Até mesmo sua palavra para a designação de um tipo mais elevado de homem, ou seja, “além-do-homem”, posta na boca de seu Zarathustra, foi lida com a mais absoluta pura tolice, a saber: “como

tipo ‘idealista’ de uma mais alta espécie de homem, meio ‘santo’, meio ‘gênio’...”. Seu além-do-homem foi visto até mesmo como uma reforma do “culto do herói” fundado por Carlyle, este grande falsário que teve a ousadia de chamar até mesmo *Lutero* de herói. Nada há de mais ofensivo, para Nietzsche, portanto, do que ser confundido com este Carlyle, uma vez que aquilo que o autor de *Zaratustra* estabelece como alvo é tudo o que Lutero, aquele monge alemão, aquele santarrão, pôs abaixo ao restaurar o cristianismo quando atacou a Igreja, que, naquele momento, já havia sido tomada pelo paganismo, já havia se rendido à altura. Mas Lutero, este homem baixo e vulgar, tomado por instintos ainda mais baixos e vulgares, voltou-se contra todo aquele esplendor renascentista, contra toda a *virtú*, contra tudo aquilo que representava a própria autossupressão do cristianismo: *César Bórgia como papa!* Em sua carta a Georg Brandes de 20 de novembro de 1888, Nietzsche declara:

– *Você adivinha o que leva a pior em “Ecce homo”? Como o tipo mais ambíguo de homem, como a raça mais execrável da história em relação ao cristianismo? Os senhores alemães! – Eu lhes disse coisas terríveis [...] Os alemães têm em sua consciência, por exemplo, o fato de terem desviado em seu sentido a última grande época da história, a Renascença – no momento em que os valores cristãos, os valores da decadência vinham abaixo, em que os instintos do mais elevado clero [Geistlichkeit] tinham sido superados pelos instintos contrários, os instintos da vida!... Atacar a Igreja – isso quer dizer restaurar o cristianismo. – César Bórgia como papa – isto seria o sentido do Renascimento, seu autêntico símbolo [...] (AC, § 61) ¹.*

Carlyle, que bem poderia ter visto em Wagner um apóstolo e no Parsifal deste um novo objeto de adoração, um novo herói, nunca poderia compreender o significado da palavra “além-do-homem”. Como declara Nietzsche, em tal palavra reconheceu-se “até mesmo o ‘culto do herói’, por mim tão desdenhosamente rejeitado, daquele grande falsário inconsciente e involuntário, Carlyle. A quem sussurrei que deveria procurar em torno por um Cesare Borgia, não por um Parsifal, este não confiou em seu

¹ “– *César Bórgia como papa* [...] Compreendem-me? Pois bem, *essa* teria sido a vitória pela qual hoje anseio –: com ela o cristianismo estaria *abolido!* – O que aconteceu? Um monge alemão, Lutero, foi a Roma. Esse monge, tendo nele todos os instintos vingativos de um sacerdote fracassado, indignou-se em Roma *contra* o Renascimento [...]” (AC, § 61).

ouvido” (EH, § 1)². Ora, para Nietzsche, o Parsifal de Wagner não passa de um tipo idiota, sua “pura tolice” e “castidade” possuem um fundamento fisiológico já bem conhecido da medicina. É nesse tipo de homem que se encontra o ideal de Wagner, o seu “gênio e herói revolucionário”. Em uma carta a Reinhart Von Seydlitz, de 24 de fevereiro de 1887, Nietzsche chama Wagner de glorificador [*verherrlicher*] da “pura tolice”; Nietzsche estaria, em *O Anticristo*, sendo também um glorificador da “pura tolice”, de Parsifal, da idiotia, *de Jesus?* Ora: “Se Wagner”, com essa sua glorificação da “pura tolice”, “pode passar por um redentor, quem nos libertará de tal redenção, desse redentor quem nos libertará? [...]” (FP 14 [52] 1888)³.

O que Nietzsche diz querer com seu *Ecce homo* é evitar confusões com seu nome, evitar que se abuse de seu nome, evitar que seu nome seja vinculado, entre todas as outras coisas com as quais ele foi e tem sido vinculado, com o “idealismo”, com o “culto do herói”, com Renan, com *Wagner*, com a glorificação da “pura tolice”. Provavelmente um dos principais motivos para Nietzsche decidir escrever *Ecce homo*, decidir procurar evitar, pois, a confusão com o seu nome, foi a última carta que Malwida von Meysenbug enviou para o filósofo, apenas em parte conservada, em meados de 1888, em resposta a uma carta de 4 de outubro em que o filósofo lhe adverte sobre o envio de três exemplares de *O Caso Wagner* por intermédio de seu editor, anunciando-lhe também o término daquele que ainda era tido como o primeiro livro de sua *Transvaloração de todos os valores*, a saber, *O Anticristo*. Essa carta de Malwida deixou Nietzsche extremamente irritado, culminando no fim da longa amizade entre os dois. Na carta, Malwida diz:

Sou igualmente de opinião que não se deve tratar um velho amor, mesmo já extinto, como você trata W.[agner]; ofende-se a si próprio dessa forma, pois um dia se amou da mesma maneira plena e inteiramente, e o objeto desse amor não era um fantasma, mas sim uma realidade [Wirklichkeit] plena e inteira. A expressão “busão” [„Hanswurst“] para W. e Liszt é absolutamente repulsiva [abscheulich].

Em carta a seu editor, Constantin Georg Naumann, de 6 de novembro 1888, Nietzsche explica que um escrito preparatório à *Transvaloração*, fazia-se necessário, por isso teria vindo à luz o *Ecce homo*, redigido, segundo

² EH, Por que escrevo tão bons livros § 1.

³ Fragmento Póstumo/Nachgelassene Fragmente 14 [52] da primavera de 1888, KSA 13, p. 243.

o filósofo, entre 15 de outubro, data em que completava 44 anos, a 4 de novembro. É possível, portanto, que Nietzsche tenha iniciado a redação de *Ecce homo* imediatamente após ter lido a carta de Malwida. Afinal, em uma carta de 5 de novembro de 1888, Nietzsche faz questão de anunciar a Malwida, de forma enigmática, o término de sua autobiografia, com uma alusão, sempre significativa, a Pascal: “Espere só um pouco, muito honorável amiga! Dar-lhe-ei ainda a prova de que ‘Nietzsche *est toujours haïssable*’”.

Após uma ríspida e impetuosa resposta a carta de Malwida, em 18 de outubro de 1888, Nietzsche lhe envia uma segunda carta, não menos violenta, porém menos lacônica, em 20 de outubro de 1888, em que declara ter sido obrigado a suprimir progressivamente quase todas as suas relações “por repugnância [*aus Ekel*]”, diz ele, “de ser tomado por algo que não sou”. Nietzsche confessa que já aguardava o dia em que Malwida finalmente declarasse sobre os seus escritos, com inocência e lealdade, “eu *perhorrescere* [abomino] cada palavra”, visto ser ela uma “idealista”, e, sentencia o filósofo, “eu trato o idealismo como uma insinceridade tornada instinto, como *vontade* de não enxergar a realidade [*Realität*] a todo custo: cada frase de meus escritos contém o *desprezo* ao idealismo”. Será que ela não pôde compreender nada de sua tarefa? O que bem pode significar *transvaloração* de todos os valores? Qual o tipo de homem cujo cultivo sua filosofia trata como meta? O que significa a palavra “além-do-homem”? Que tal palavra não se refere a nenhum monstro moral⁴, a nenhum animal de orelhas compridas, a nenhum asno⁵, a nenhum Parsifal, a nenhum *idiota*:

– Você confeccionou [*zurechtgemacht*] – coisa que jamais irei perdoar – a partir de meu conceito de “além-do-homem”, uma nova “fraude suprema”, qualquer coisa que se avizinha a sibilas e profetas: enquanto todo leitor *sério* de meus livros *deve* saber que o tipo de homem que não me causa *repugnância* [*Ekel*] é precisamente o tipo oposto aos ídolos ideais de outrora, um tipo cem vezes mais similar a um César Bórgia do que a um Cristo (Cf. EH, § 2).

Ora, nesse período, a distinção entre Jesus e Cristo, segundo nossa hipótese interpretativa, já havia sido estabelecida por Nietzsche. Dessa forma,

⁴ Cf. EH, Prólogo § 2.

⁵ Cf. EH, Por que sou um destino § 2.

alguém poderia argumentar que não há nesse caso um juízo a respeito da figura de Jesus. Que não é Jesus que está sendo contraposto a figura de César Bórgia. Entretanto, qual o significado de “Cristo” no estágio final da crítica de Nietzsche ao cristianismo? O termo “Cristo” refere-se, entre outras coisas, à noção de que Jesus, de que um idiota, é o salvador da *humanidade*, de *todos* os homens, de que sua redenção se dirige a todos. De fato, não é Jesus, em sua idiotia e em sua prática evangélica em si, adequada e natural a uma forma de vida *décadent* como a dele, que está sendo contraposto a César Bórgia, mas sim a ideia de que este idiota congênito e o caminho apropriado que ele encontrou para uma vida bem-aventurada segundo sua condição possam servir como modelo tanto para um tipo mediano quanto para um tipo superior de homem e de vida. Já há uma perversão no tipo de Jesus e no que sua vida significou na ideia de que ele e sua prática representam uma espécie de “Redenção” *da humanidade*, ou seja, na ideia de que ele foi o *Cristo*: – o idiota, o nível mais baixo da cadeia degenerativa progressiva e hereditária, como modelo universal, como meta.

Além da muito ofensiva aproximação de seu nome com o de Wagner, há ainda dois outros motivos que muito provavelmente irritaram Nietzsche na carta de Malwida. O primeiro está na condenação feita por ela do crítico francês Paul Bourget como um *décadent* wagneriano. Nietzsche havia expressado à Malwida, na carta de 18 de outubro de 1888, o desejo de que Bourget, por quem o filósofo nutria grande admiração e que exerceu uma importância crucial para a sua interpretação fisio-psicológica da cultura, pudesse vir a traduzir *O Caso Wagner*, se o crítico francês não fosse alguém que não entendesse nada “*in rebus musicis et musicantibus*”. O segundo motivo está na forma irônica e desdenhosa com que ela se refere ao crítico dinamarquês Georg Brandes, com quem o filósofo estabelece uma importante e muito frutífera amizade em seus últimos meses de vida consciente. O desprezo de Malwida por Brandes se deve forçosamente à ascendência judia do crítico dinamarquês (Nietzsche se irritará profundamente com sua irmã, Elizabeth, exatamente por esse mesmo motivo⁶).

Sobre a tradução

Para a tradução da carta de Malwida, cotejamos a KGB com a obra *Correspondance avec Malwida von Meysenbug*, com tradução, apresentação

⁶ Cf. a carta de Nietzsche a Franz Overbeck de 25 de dezembro de 1888.

e notas de Ludovic Frère; e, para as cartas de Nietzsche, cotejamos a KSB com o quinto volume da edição italiana, *Epistolario – 1885-1889*, com tradução de Vivetta Vivarelli, e apresentação e notas de Giuliano Campioni e Maria Cristina Fornari, e também com a edição francesa, *Dernières lettres*, com tradução, apresentação e notas de Yannick Souladié. Para a elaboração das notas, consultamos a obra *Correspondance avec Malwida von Meysenbug*, bem como a edição italiana e a francesa das cartas de Nietzsche.

Sobre Malwida

Malwida von Meysenbug (1816-1903) foi uma grande feminista alemã do século XIX. Escritora publicou anonimamente em 1876 sua obra mais importante, *Memoiren einer Idealistin*, em três tomos. Amiga e admiradora de Wagner, adepta da filosofia de Schopenhauer, Malwida conhece Nietzsche no festival de Bayreuth, em 1872. Seguiu-se uma longa amizade, Malwida sempre nutriu uma grande afeição pelo jovem filósofo. Wagneriana fervorosa, ela se mantém amiga de Nietzsche mesmo após a ruptura dele com Wagner. A amizade tem fim em 1888, após as respostas severas do filósofo às críticas que a amiga fez ao seu *O caso Wagner*⁷.

Referências

CARLYLE, T. **On heroes, hero-worship and the heroic in history**. New York: Frederick A. Stokes Company, 1893.

NIETZSCHE, F. **Nietzsche Briefwechsel. Kritische Gesamtausgabe**. Briefe an Nietzsche. Januar. 1887-Januar. 1889. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1975. (KGB III, Band 6).

NIETZSCHE, F. **Kritische Studienausgabe**. Berlin, München; New York: Walter de Gruyter, DTV, 1988. (KSA Band 6 und 13).

⁷ Texto adaptado a partir da apresentação feita por Souladié em *Dernières lettres*, p. 250.

NIETZSCHE, F. **Sämtliche Briefe Kritische Studienausgabe**. Berlin, München, New York: Walter de Gruyter, DTV, 1988. (KSB Band 8).

NIETZSCHE, F. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, F. **O caso Wagner**: um problema para músicos. **Nietzsche contra Wagner**: dossiê de um psicólogo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NIETZSCHE, F. **El Anticristo**: maldición sobre el cristianismo. Madrid: Alianza Editorial, 2003.

NIETZSCHE, F. **Correspondance avec Malwida von Meysenbug**. Paris: Éditions Allia, 2005.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, F. **O Anticristo**: maldição ao cristianismo. **Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, F. **Epistolario - 1885-1889**. Versione di Vivetta Vivarelli. Milano: Adelphi Edizioni, 2011. v. 5.

NIETZSCHE, F. **Dernières lettres**: Hiver 1887-Hiver 1889, de La volonté de puissance a L'Antichrist. Paris: Éditions Manucius, 2011.

NIETZSCHE, F. **Ecce homo**: de como a gente se torna o que é. São Paulo: L&PM Pocket, 2011.

Correspondência

KGB III/6,

591. Malwida von Meysenbug a Nietzsche em Turim (Fragmento)

⟨Versailles, meados de outubro de 1888⟩

[+ + +] Espero pertencer desde já a esse pequeno número, e é por isso também que posso francamente fazer-lhe oposição e lhe dizer onde acho

que você errou. Sou igualmente de opinião que não se deve tratar um velho amor, mesmo já extinto, como você trata W.[agner]; ofende-se a si próprio dessa forma, pois um dia se amou da mesma maneira plena e inteiramente, e o objeto desse amor não era um fantasma, mas sim uma realidade [*Wirklichkeit*] plena e inteira. A expressão “bufão” [„*Hanswurst*“] para W. e Liszt é absolutamente repulsiva [*abscheulich*]⁸. Agora, pois, após esse sermão (você dirá: ah! uma wagneriana, e dará de ombros, mas eu não pertencço ao séquito [*Troß*] e guardo minha opinião para mim, reconheço muitas coisas justas em seu escrito), quero dizer-lhe que Monod enviou 2 exemplares a 2 escritores de seu conhecimento, que conhecem perfeitamente a língua alemã e são também músicos. Aliás, há aqui um monte de wagnerianos, quase todos os jovens músicos o são, Paul Bourget o é igualmente, ele estava em Bayreuth. Ele é na verdade um decadente absoluto da modernidade ruim, que de uma maneira detestável põe seu talento ao serviço do gosto corrompido do público e, sob o título de um pretenso realismo, mergulha nos pântanos insalubres da literatura moderna, dos quais as musas puras e castas se afastam com nojo.

Estou muito curiosa sobre a primeira parte de sua grande obra. Afinal, é certamente a expressão plena daquilo para o que *Zarathustra* foi a introdução. Você entrou em conexão com Brandes de Copenhague? Isso seria muito bom. Pouco importa *onde* a semente germine, contanto que germine.

Em todo caso, permanecerei ainda neste círculo doméstico encantador que é minha família até meados de novembro. Então o frio me afugentará novamente e ficarei provavelmente algum tempo com meu anfitrião veneziano, com quem já estive na primavera, Sr. v. Warsberg, autor das magníficas “*Odysseischen Landschaften*”. Em seguida, em direção a Roma, minha ermida. Se você também fosse novamente para lá nessa época, tudo poderia ser bem melhor discutido verbalmente.

Com saudações de Monod e em antiga amizade

M. M.

⁸ “Se Wagner era um cristão, então Liszt era talvez um pai da Igreja! – A necessidade de redenção, a quintessência de todas as necessidades cristãs, nada tem a ver com tais bufões: é a mais honesta expressão da *décadence*, é a mais dedicada e dolorosa afirmação dela, em forma de sublimes símbolos e práticas. O cristão quer desvencilhar-se de si mesmo. *Le moi est toujours haïssable*” (CW, Epílogo).

KSB 8,**1131. Nietzsche a Malwida von Meysenbug em Roma**

Turim, 18 de outubro de 1888

Cara amiga,

estas não são coisas sobre as quais admito contradição. Sou, em questões de *décadence*, a maior autoridade que há sobre a Terra. Esses homens de hoje, com sua lastimável degeneração do instinto [*Instinkt-Entartung*], devem considerar-se felizes em ter alguém que lhes sirva um vinho puro em casos mais obscuros. O fato deste bufão [*Hanswurst*] ter sido capaz de despertar para si a fé (como você expressou com uma inocência digna de respeito) de que ele foi “a última expressão da natureza criativa”, sua “palavra final” por assim dizer, exige, de fato, gênio, mas um gênio da mentira... Quanto a mim, tenho a honra de ser algo oposto – um gênio da verdade ⁹ –

Friedrich Nietzsche

KSB 8,**1135. Nietzsche a Malwida von Meysenbug em Roma**

Turim, 20 de outubro de 1888

Cara amiga,

perdoe-me se tomo novamente a palavra: pode ser a última vez. Suprimi pouco a pouco quase todos os meus relacionamentos, por *repugnância* [*aus Ekel*] de ser tomado por algo que não sou. Agora é a sua vez. Envio-lhe meus escritos há anos, a fim de que, ingenuamente e com honestidade,

⁹ Aproximar de EH, Por que sou um destino § 1: “Tenho um medo pavoroso de que um dia me declarem *santo*: perceberão por que eu publico este livro antes, ele deve evitar que se cometam abusos comigo... Eu não quero ser um santo, seria antes um bufão... Talvez eu seja um bufão... E apesar disso, ou melhor, *não* apesar disso – pois até o momento nada houve mais mendaz do que os santos, – a verdade fala em mim” (tradução de Paulo César de Souza).

você finalmente um dia me declarasse: eu *perhorrescere*¹⁰ cada palavra. E você teria o direito de fazê-lo. Porque você é “idealista” – e eu trato o idealismo como uma insinceridade tornada instinto, como *vontade* de não enxergar a realidade [*Realität*] a todo custo: cada frase de meus escritos contém o *desprezo* ao idealismo¹¹. Até agora não houve pior fatalidade para a humanidade¹² do que essa desonestidade intelectual; desvalorizou-se o valor de todas as realidades [*Realitäten*] para se *inventar*¹³ a mentira do “mundo ideal”. Você não entende nada de minha tarefa? O que quer dizer “*transvaloração* de todos os valores”? Por que Zarathustra vê os virtuosos como o tipo de homem mais calamitoso? por que ele deve ser o destruidor da *moral*? – esqueceu que ele disse: “*destróçai, destróçai os bons e os justos*”¹⁴?

– Você confeccionou [*zurechtgemacht*] – coisa que jamais irei perdoar – a partir de meu conceito de “além-do-homem” uma nova “fraude suprema”¹⁵, qualquer coisa que se avizinha a sibilas e profetas¹⁶: enquanto todo leitor *sério* de meus livros *deve* saber que o tipo de homem que não me causa *repugnância* [*Ekel*] é precisamente o tipo oposto aos ídolos ideais de outrora, um tipo cem vezes mais similar a um César Bórgia do

¹⁰ Do latim *perhorrescere*, “estremecer de horror”, “abominar”, “temer”.

¹¹ Cf. EH, “O Caso Wagner” § 2, e Por que sou um destino § 4.

¹² *Bisberigen Menschheit*. Traduzir essa expressão por “até agora para a humanidade” não enfatiza o fato de que o adjetivo *bisberig* (que significa “precedente”, “anterior”, “antigo”) qualifica a humanidade. Por esta expressão Nietzsche sugere sutilmente que, após essa transvaloração de todos os valores que deve dividir a história da humanidade, o idealismo será abolido e a humanidade não será mais a mesma. O mesmo no que se refere ao “além-do-homem” mais à frente.

¹³ *Erlügen*: “inventar qualquer coisa e fazê-la passar por verdade”. Cf., no mesmo sentido, CI, A “razão na filosofia § 2: “O mundo ‘aparente’ é o único: o ‘mundo verdadeiro’ é apenas acrescentado mendazmente... [*ist nur hinzugelogen*]”. É extremamente significativo que Nietzsche só coloque entre aspas na primeira expressão o adjetivo “aparente”, salientando, assim, que o que é quimérico, mentiroso é a determinação do mundo sensível enquanto mundo aparente, não o mundo sensível em si (o “mundo verdadeiro”, em contrapartida, constitui inteiramente uma falsidade).

¹⁴ Cf. ZA III, Das velhas e novas tábuas § 27, tradução de Paulo César de Souza.

¹⁵ *Höherer Schwindel*. Cf. CI, O que devo aos antigos § 2, EH, Por que escrevo tão bons livros” § 5, HHI § 5.

¹⁶ Cf. carta ao Imperador Guilherme II do início de dezembro de 1888, em que Nietzsche declara a respeito de *Ecce Homo*: “Esse livro fornecerá, como espero, uma imagem de mim totalmente diversa daquela de um ‘profeta’”.

que a um Cristo. E quando, em *minha* presença, você pronuncia, num só fôlego, o venerável nome de Michelangelo com o de uma criatura profundamente insalubre e falsa como Wagner, pouparei a você e a mim da palavra para o que então *sinto*. – Durante toda a sua vida, você se enganou a respeito de quase todo mundo: uma desgraça nada menor, na minha vida igualmente, remonta ao fato de que se tenha confiança em você e que seu julgamento seja absolutamente indigno de confiança. Finalmente, você faz confusão entre Wagner e Nietzsche! – E enquanto escrevo isso, sinto vergonha por ter colocado meu nome em tal vizinhança. – Então você não entendeu nada da repugnância com que eu, juntamente com toda natureza decente, virei as costas para Wagner há 10 anos quando a *fraude* [*Schwinde*] se tornou evidente com as primeiras *Bayreuther Blättern*¹⁷? Você desconhece a profunda exasperação com que eu, juntamente com todos os músicos honestos, vejo se propagar cada vez mais esta *peste* de música wagneriana e esta corrupção de músicos que ela condiciona? Você não percebeu que nos últimos 10 anos eu tenho sido uma espécie de diretor de consciência [*Gewissensrath*] dos músicos alemães, que, em todos os lugares possíveis, plantei novamente a probidade artística, o gosto nobre, o mais profundo ódio contra a sexualidade repugnante da música wagneriana? que o último músico *clássico*, meu amigo Köselitz, surgiu de *minha* filosofia e de *minha* educação? Você nunca entendeu sequer uma palavra minha, nunca entendeu sequer um *passo* meu: não há nada a ser feito; temos que *esclarecer* isso entre nós – igualmente nesse sentido o “caso Wagner” é ainda para mim um caso *feliz* – –

Friedrich Nietzsche

KSB 8,

1138. Nietzsche a Malwida von Meysenbug em Roma

Turim, 5 de novembro de 1888

Espere só um pouco, muito honorável amiga! Dar-lhe-ei ainda a prova de que “Nietzsche *est toujours haïssable*”¹⁸. Sem nenhuma dúvida, tenho

¹⁷ O primeiro número da revista wagneriana foi publicada em janeiro de 1878, editada por Hans von Wolzogen.

¹⁸ Cf. CW, Epílogo. “Nietzsche é *sempre odioso*”.

sido *injusto* com você: mas dado que neste outono sofro de um excesso de probidade, é para mim um verdadeiro benefício ser injusto...

O “imoralista”

Resposta a uma carta não conservada de Malwida von Meysenbug.

Recebido: 03/07/2012

Received: 07/03/2012

Aprovado: 15/08/2012

Approved: 08/15/2012